

[1] Eminentíssimo Sr. Cardeal Patriarca,  
Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Arcebispos e Bispos,

A situação actual da Filosofia entre nós só poderá compreender-se suficientemente remontando à reforma pombalina da Universidade e à expulsão das ordens religiosas em 1834. O tempo disponível obriga a ter pretensões mais modestas e para a nossa situação de hoje, quanto à Filosofia, poderá dizer-se condicionada por dois factores de importância capital. O primeiro prende-se com a lição do Segundo Concílio do Vaticano e dos documentos pontifícios a ela associados e que vão desencadear um movimento de renovação, traduzido, no plano cultural, numa abertura de informação e de estudo de correntes de pensamento e de opinião e numa análise das várias correntes ideológicas político-sociais. O segundo facto relaciona-se com [2] as alterações político-ideológicas registadas a partir de 1974. Graças a esta abertura, o movimento editorial intensifica-se, <muito especialmente> no campo da Filosofia e disciplinas afins, e acelera-se extraordinariamente em tempo relativamente curto. As traduções, pois de traduções se trata, que não de originais portugueses, sucedem-se apressadas e, por isso, deficientes, ~~todas~~ quase <todas> feitas a partir do francês, numa tentativa de preencher lacunas e oferecendo matéria quase na totalidade de doutrinação marxista-leninista; a par de algumas obras de Marx, Engels e Lenine e de outros «dii minores», enfileiram-se títulos de autores secundários e mesmo secundaríssimos, [3] com intuitos claros de doutrinação político-social, pois nada de filosófico encerram, ou revelando apenas oportunismo de editores.

A recente entrada de jovens no Ensino Superior, cuja preparação no campo das línguas estrangeiras é calamitosa, e a criação de novas Universidades é outro factor determinante do incremento editorial na área da Filosofia. As traduções vão-se alargando de temas ideológicos a obras de carácter mais geral e isento, são elaboradas com maior cuidado e <seleccionadas> segundo um critério pragmático ~~de selecção~~. A crescente desvalorização do escudo obriga a traduzir muitas obras para satisfazer as exigências do mercado universitário, traduções agora feitas com [4] maior rigor científico e apresentação adequada. Esta actividade editorial, que por vezes atinge notável qualidade, cobre especialmente as áreas da lógica e da epistemologia e alguns sectores da filosofia moderna e contemporânea. Quase não há referência meritória ao pensamento medieval, nem mesmo se revela uma linha de orientação cristã suficientemente nítida. Basta dizer, por exemplo, que não conheço tradução alguma de uma obra fundamental de metafísica clássica de orientação cristã, nem mesmo de qualquer outra orientação.

De entre os editores de obras filosóficas, merecem citar-se a Imprensa Nacional, onde [5] se têm [...] <dado à estampa> algumas obras portuguesas de ~~real mérito~~ inegável valor; a Fundação Calouste Gulbenkian, com a tradução de Kant, Platão, Wittgenstein e alguns manuais universitários de real mérito; as Edições 70, com cuidadas traduções de Leibniz, Kant, Husserl e Descartes; a Editorial Verbo, <a> Dom Quixote e <a> Presença.

A despeito do grande número de universidades criadas, o cultivo da Filosofia encontra-se ainda limitado à Universidade de Coimbra, às Universidades Clássica e Nova de Lisboa, às Universidades do Porto e dos Açores. Tem expressão, embora marginal, na Universidade do Minho e [...] <está presente>, de forma [...] <dignificante>, na Universi[6]dade Católica Portuguesa. Exceptuando esta última, de orientação cristã sólida e aberta, as demais universidades do Estado e, por isso, a-confessionais, podem, conforme a posição dos professores, veicular valores cristãos ou, pelo menos, respeitá-los, tanto no ensino como na pesquisa [filosófica], sem que, por isso, a sua atitude filosófica seja menos isenta. Ora uma falta de isenção, que se traduziu em franca atitude anti-cristã, foi o que aconteceu num passado recente. ~~Todos nos recordamos do verdadeiro assalto às Universidades por~~ A liberdade de cátedra, muitas vezes associada à imaturidade do docente, não raro imprimiu uma coloração ideológica ao ensino. Está na [7] recordação de todos vós o verdadeiro assalto às Universidades por parte de indivíduos totalmente incompetentes, mas protegidos por poderosas influências ideológicas das esquerdas, desde comunistas a anarquistas, formando grupos que se <entre si se> guerreavam. Embora focos de ideologização da filosofia se mantenham ainda em algumas Universidades, já se ultrapassou a fase mais violenta (já não se exige hoje como norma a aceitação dogmática de Marx e de Althusser) e isto em grande parte graças aos próprios estudantes, desiludidos pela qualidade do ensino ministrado e temas desenvolvidos, completamente [8] alheios às matérias a professor. Se agora nos interrogarmos pelos problemas pelos quais manifesta maior interesse o estudante universitário, uma característica se evidencia: em geral manifesta certa repugnância pelo estudo exclusivamente histórico da filosofia. Mesmo os temas clássicos têm e ser apresentados por um prisma de actualidade. A filosofia é tomada a sério <e, por isso, tem de ser de hoje>. Para muitos estudantes é quase tomada como uma doutrina de salvação, pois deve ~~[apresentar um objecto que se reporte]~~ ~~[reportar-se]~~ <dirigir-se> à totalidade do real e, por isso, lhes impõe uma via racional de conduta.

[9] ~~[Por isso]~~ <Graças a essa atitude> as questões de filosofia contemporânea veiculadas por autores como Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Lévinas, Ricoeur, as actuais filosofias dialógicas, a fenomenologia e a hermenêutica, em que se faz apelo a um sagrado, por vezes apenas simbólico, são estudadas com interesse e evidenciada a sua dimensão religiosa. Outros

estudantes, embora em menor número, inclinam-se para as questões de epistemologia científica, interessados nas problemáticas de Popper, Bachelard, Carnap, Wittgenstein e vêm com cepticismo qualquer problemática de tipo metafísico. É neste domínio que se mantém <ainda> vivo o espírito positivista que dominou o século passado e se manteve, com características diferentes, na primeira metade deste século.

[10] Passemos agora às orientações fundamentais da reflexão filosófica em Portugal. E comecemos pela Universidade, principal instituição geradora de cultura. Não poderemos encontrar linhas de orientação muito bem definidas, mas antes um pluralismo muito acentuado. ~~{Mantêm-se as orientações já existentes, sem nada que apareça radicalmente novo.}~~ Intensifica-se uma dimensão da antiga disciplina de Teoria do Conhecimento, dando origem à disciplina de Epistemologia, que é mais do que um nome, pois se transforma em área efectiva de investigação filosófica. Além disso, como doutrina ~~{informante}~~ <conformadora> de investigação e ensino surge o materialismo dialéctico, hoje já em <certo> declíneo, como [11] já frisámos. Se alguns docentes há partidários desta orientação, professam-na à margem das correntes dominantes <,a saber>: a fenomenologia e a hermenêutica orientadas metafisicamente, as investigações em torno de Kant e do idealismo alemão, e ainda <, embora em muito menor grau,> os estudos sobre a história da filosofia em Portugal.

Deixamos para último lugar a Universidade Católica Portuguesa. Com programas de ensino análogos aos das restantes Universidades, os seus estudos filosóficos remontam ao ano de 1934, <quando se instalou em Braga ~~{...}~~ no Instituto Superior de Filosofia Beato Miguel de Carvalho> e desde então vem desenvolvendo na cultura portuguesa uma função ~~{estimulante}~~ catalizadora decisiva, apresentando [12] um ensino e uma investigação de alta qualidade, centrados numa concepção neo-tomista, de grande abertura, no espírito de Maréchal, Lotze, Rahner, Max Müller, e em íntima ligação com as correntes fenomenológicas e hermenêuticas.

À margem das Universidades, onde um pluralismo de posições filosóficas é por vezes excessivo, e da Universidade Católica, com a presença inofismável de valores cristãos, uma orientação está ainda muito presente na Cultura Filosófica Portuguesa que não devemos deixar de assinalar: o movimento chamado da Filosofia Portuguesa. A convicção, um pouco hegeliana, de que uma nacionalidade [13] se firma numa cultura própria e esta, no seu núcleo autêntico, será uma conceptualização de ordem filosófica, <juntamente com> a reflexão sobre o pensamento de Leonardo Coimbra, o ideário da Renascença Portuguesa, entre outros factores, levou a buscar <uma filosofia genuinamente nacional> como entranhada na poesia, no teatro, no romance, na literatura em geral e, ainda, em modestos pensadores promovidos a filósofos geniais ~~{uma filosofia genuinamente nacional}~~. Ideias estas do grupo da Filosofia Portuguesa,

expostas frequentemente com grande brilho literário, mas que não atingem, em nossa opinião, formulação conceptual [14] rigorosa, nem justificação histórica adequada, esgotando-se, no melhor dos casos, numa visão poética do mundo. De salientar, porém, junto ao fervor nacionalista, um respeito pelos valores cristãos e mesmo a sua presença.

Para as dimensões do nosso país, não podemos afirmar que o interesse pela filosofia seja diminuto. Nunca houve tanta conferência de pensadores estrangeiros, tantos colóquios e simpósios, como hoje em dia. Não há jornal algum de Letras e Artes que não reserve um espaço, por mínimo que seja, a problemas filosóficos. As revistas de cultura, da *Brotéria* ao *Vértice*, não dispensam a colaboração filosófica. As revistas universitárias, [15] *Biblos*, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, *Didaskalia*, inserem produção filosófica de alto nível. Algumas delas, como a *Revista da Faculdade de Letras do Porto* e *Arquipélago*, da Universidade açoriana, subdividiram-se em série de ciências humanas e em série de filosofia. Ao lado destas, como revista especializada, assume importância capital a *Revista Portuguesa de Filosofia*, da Universidade Católica, que dispensa quaisquer comentários. Mas também outras surgiram, quase sempre de existência efémera, reunindo grupos, congregando interesses filosóficos incipientes, exprimindo orientações determinadas. Por exemplo, a *Revista da Sociedade Portuguesa de Filosofia, Análise, Filosofia e Epistemologia*, [16] *Crítica - Revista de Filosofia Contemporânea* e *Logos* (revista de professores liceais de filosofia).

Além de revistas e edições temos ainda algumas sociedades filosóficas: a *Sociedade Portuguesa de Filosofia*, fundada em 1974 e de origem nitidamente marxista; a *Associação Portuguesa de Estudos Kantianos*, extensão da alemã *Kantgesellschaft*, o *Centro de Estudos Fenomenológicos* e a *Sociedade Científica da UCP*, com a sua secção de filosofia.

Uma referência ainda à filosofia no ensino secundário; <servida por alguns> excelentes professores, o aumento da população escolar obrigou a recrutar como [17] agentes de ensino indivíduos sem habilitações completas e outros em que a actividade ideológica se sobreponha à do ensino. Com programas mal elaborados, sem espírito filosófico e que raras vezes se cumprem, a formação dos alunos secundários deixa muito a desejar e, por vezes, é razão de muitos estudantes {universitários} <chegados à universidade> virem a ter desprezo pela filosofia e seus problemas. Há que reformar capazmente todo este sector do ensino propedêutico da filosofia.

Toda esta efervescência que se nota na actividade filosófica portuguesa se, por um lado, traduz algo de positivo, por outro lado, revela ainda uma insegurança de rumos a tomar. Todo este pluralismo, que em si <mesmo> é salutar, desenvolve-se atraído por dois polos: o polo do agnosticismo, positivismo e mesmo materialismo; outro, de abertura integral [18] para o que é,

de tendência espiritualista, mas ainda insuficientemente definido. A discriminação de vários planos de reflexão filosófica é ainda pouco nítida, a distinção entre filosofia e outras formas de cultura insuficientemente clara. Além disso, esse pluralismo encontra-se, por vezes, contaminado por ideologias. «Há pois que repensar com o suor do rosto os problemas de hoje e de sempre» — escreveu um dia o professor Joaquim de Carvalho — « (...) para que se desentorpeça a sonolência que nos ficou das indigestões positivistas e, acima de tudo, se alcance a temperatura que esterilize à nascença os gérmes das simulações pedantescas e das ignorâncias atrevidas.» Estas palavras do saudoso Mestre apresentam bem todo um programa a realizar e fixam com perfeição o projecto que a Universidade Católica e a sua [19] Sociedade Científica é chamada a realizar.

Há, naturalmente, filosofias cristãs, não-cristãs e mesmo anti-cristãs. Mas enquanto filosofias <tout court> encontram-se no mesmo plano e o diálogo, embora difícil, é possível e necessário. Há <ainda> que realizar encontros interdisciplinares, que confrontem e aproximem pontos de vista da ciência e da filosofia, delimitando <com rigor> as suas áreas de validade. Colóquios que esclareçam a importância das modernas problemáticas e estabeleçam o valor da tradição no campo da filosofia.

É a um começo desta actividade que a Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa se está consagrando, especialmente pela sua secção de filosofia. Os colóquios sobre «O [20] pensamento de Leonardo Coimbra», de Novembro de 1986, sobre «Filosofia e tradição humanística», de Outubro de 1987, e o aparecimento, previsto para o corrente ano, do 1.º volume de *Logos. Enciclopédia Luso-brasileira de Filosofia*, destinada a definir e esclarecer conceitos, corrigir pontos de vista, apresentar o valor possível do passado luso-brasileiro no campo filosófico e fazer prospecção das actuais problemáticas são [...] disso claro testemunho.